

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 22

1º Sem 2011

p. 149-179

**DOSSIÊ: CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM REGIÕES
DE LÍNGUAS EM CONTATO**

**PROFESSORES DE LÍNGUA EM
FORMAÇÃO E O /R/ RETROFLEXO: UM
ESTUDO SOBRE ATITUDES
LINGUÍSTICAS**

PINTO, Camila Maria Augusto⁵¹
FRAGA, Letícia⁵²

⁵¹ Licenciada em Letras, Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁵² Doutor em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é identificar as atitudes linguísticas que professores de língua em formação manifestam em relação ao /r/ retroflexo presente na variedade de língua falada na região de Ponta Grossa. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa qualitativa, por meio da qual efetuamos entrevistas com dois representantes de cada ano do curso, que tem duração de quatro anos. Os resultados da pesquisa demonstraram que a pronúncia da variante retroflexa é estigmatizada pelos participantes, que revelaram em suas atitudes elementos do *discurso público sobre a língua* (SCHLIEBEN-LANGE, 1993), o qual é marcado por questões avaliativas e por estereótipos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas; Variação linguística; /r/ retroflexo.

ABSTRACT: This aim of this work goal is identifies the linguistics attitudes that the linguist teachers which still in formation manifest concerning to retroflex /r/ present in the particular Portuguese that is spoken in Ponta Grossa. Methodologically, it was a qualitative research through which we made interviews with two representatives of every year of the course, that lasts four years. The results show that the pronounced of the retroflex variant /r/ is stigmatized by the participants, that show in their attitudes elements of the public speech about the language (SCHLIEBEN-LANGE, 1993), which is marked by evaluative questions and linguistics stereotypes.

KEYWORDS: Linguistic attitudes; Linguistic variation; Retroflex /r/.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa consiste em apreender algumas atitudes linguísticas sobre a variante retroflexa (o chamado /r/ *caipira*⁵³), a partir da perspectiva dos acadêmicos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Nesse sentido, de forma mais específica, buscamos: 1) verificar se existe estigmatização do /r/ retroflexo por parte dos participantes; 2) observar se há coerência entre o dizer e as atitudes dos participantes em relação ao /r/ retroflexo.

De acordo com os pressupostos dos documentos oficiais acerca do ensino de língua materna – Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1998) e Diretrizes Curriculares

⁵³ Segundo Amaral (1920/1982).

da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná (2008) –, justifica-se a relevância deste trabalho, que busca, de um lado, verificar atitudes linguísticas de futuros professores de língua portuguesa em relação ao chamado /r/ caipira e à própria noção de caipira, dadas as dimensões política e ideológica que perpassam por esse conceito, e, por outro lado, considerar os reflexos dessas atitudes (e algumas possíveis crenças) no exercício de sua profissão, haja vista a complexidade do tema, que envolve questões de identidade, exclusão social, preconceito, discriminação, prestígio/estigma social etc.

2 DIALETO CAIPIRA: DO /r/ RETROFLEXO AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Em seu livro *O dialeto caipira*, Amadeu Amaral (1920/1982) fez importantes observações acerca das peculiaridades inerentes ao chamado *dialeto caipira*. Sua obra constitui o primeiro trabalho inserido na pesquisa dialetológica do Brasil e é admirada por seu pioneirismo e cuidado metodológico ao descrever minuciosamente aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos presentes na fala da antiga província de São Paulo.

De acordo com seu registro, no fim do século XIX e início do século XX, o falar caipira predominava na grande maioria da população (inclusive “a própria minoria culta”, segundo suas palavras). Porém, anos mais tarde, as alterações do meio social, tais como a abolição da escravidão, o aumento da imigração, o incremento da instrução e a intensificação do contato do interior da província com áreas exteriores devido ao comércio, passaram a transformar o falar paulista.

Com isso, o dialeto passou a restringir-se a pequenas localidades que não acompanharam de perto o processo de desenvolvimento e a subsistir na fala de pessoas idosas. “Entretanto, certos remanescentes do seu domínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, *em luta com outras tendências*, criadas pelas novas condições”

(AMARAL, 1920/1982, p. 1, grifo nosso).

Nesse ponto, podemos notar o processo de diglossia entre o vernáculo e as variedades urbanas, sendo estas situadas no topo da escala de prestígio enquanto aquele era cada vez mais exposto à estigmatização, visto que se encontrava na base da pirâmide socioeconômica (LUCCHESI, 2006).

Ao contrário do que o autor pressupôs em seu livro, que o dialeto “estava condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve” (AMARAL, 1920/1982), Castro (2006) verifica a presença de traços fonéticos e lexicais do dialeto caipira em Minas Gerais e no Paraná, com base nos atlas linguísticos⁵⁴ desses estados, levando em consideração a proximidade geográfica das duas áreas com São Paulo e as relações históricas que envolvem os paulistas no processo de povoamento desses estados vizinhos.

Conforme Castro (2006) pôde verificar em seu trabalho, há a realização da retroflexa em grande parte do território paranaense. Portanto, o foco deste trabalho, no nível fonético, é um dos traços mais marcados do dialeto caipira (AMARAL, 1920/1982), o /r/ retroflexo (que também circula como /r/ caipira), que carrega em sua pronúncia preconceito e estigma, principalmente em posição pós-vocalica⁵⁵.

Dentre as várias pesquisas realizadas acerca do assunto, Leite (2004) discute o “acobertamento” do /r/ retroflexo da variedade de língua portuguesa falada em São José do Rio Preto. Sua dissertação de Mestrado baseou-se na hipótese de que

⁵⁴ Segundo Castro (2006, p. 74), “os atlas linguísticos consistem em coleções de mapas de determinada área que registram a distribuição espacial de dados linguísticos (de caráter fonético, lexical, morfossintático), coletados *in loco*, de forma sistemática”.

⁵⁵ A aproximante retroflexa foi assim descrita por Amaral (1920/1982): “r inter e post-vocalico (arara carta) possui um valor peculiar: é linguopalatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocalico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema” (AMARAL, 1920/1982, p. 47).

os estudantes da Unicamp, oriundos de São José do Rio Preto, estariam acobertando a pronúncia do /r/ retroflexo devido ao estigma que recobre a variante.

Verificou-se, em seus resultados, o estigma presente no que se refere à pronúncia da variante retroflexa, bem como a “opção” por acobertar essa realização buscando substituí-la pela aproximante alveolar, que, segundo os participantes, representa uma *pronúncia intermediária*, segundo palavras dos próprios participantes da pesquisa, mais de acordo com a variedade falada em Campinas.

Apesar de nos basearmos no citado trabalho, esta pesquisa não busca, num primeiro momento, investigar se há ou não uma dissimulação no que concerne às escolhas linguísticas dos participantes. Contudo, o /r/ retroflexo (presente na variedade de língua falada na região, segundo KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002) é o objeto da pesquisa e, conseqüentemente, das atitudes linguísticas aqui analisadas. O diferencial entre os participantes aqui selecionados está no fato de serem professores de Língua Portuguesa em formação. Portanto, pressupomos que são conhecedores dos pressupostos básicos da ciência linguística (como os fundamentos do estruturalismo, funcionalismo e gerativismo) e da Sociolinguística (variacionista/laboviana, interacional ou educacional⁵⁶), de modo que esperamos conhecer um pouco da compreensão que possuem acerca da variação linguística.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 A pesquisa qualitativa

Este trabalho segue as bases metodológicas da pesquisa qualitativa, que, de acordo com Bogdan e Biklen (1982), configura-se por cinco características básicas, quais sejam:

⁵⁶ Optamos por não especificar de forma mais detalhada os conteúdos ou as perspectivas a partir das quais estes são discutidos nas disciplinas sob a denominação de disciplinas de “língua” e/ou “linguística”, uma vez que há muita variação nesse sentido.

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Além de questões de natureza ética, uma das questões mais levantadas em relação às abordagens qualitativas diz respeito à subjetividade do pesquisador (LÜDKE; ANDRÉ, 2008, p. 51). Segundo os autores, há, de um lado, uma postura mais tradicional em relação ao conhecimento científico, que considera que os julgamentos de valor do pesquisador não podem afetar nem coleta nem análise dos dados, e, de outro, também extremo, há os que afirmam ser impossível a objetividade.

No entanto, ainda de acordo com os autores acima citados, há uma postura mais equilibrada, que reconhece a impossibilidade de separar os valores pessoais do processo de pesquisa, sugerindo alguns cuidados especiais para controlar o efeito de subjetividade, como, por exemplo, deixar claros os critérios utilizados para selecionar certo tipo de dados e não outros, observar certas situações e não outras, entrevistar certas pessoas e não outras (LÜDKE; ANDRÉ, 2008, p. 51).

Visto o perfil da pesquisa qualitativa, na qual se enquadra este trabalho, abordaremos na sequência o instrumento utilizado para coleta de dados.

3.2 Instrumento de coleta de dados: entrevista

Como visto, para esta pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa no que diz respeito à coleta e análise dos dados, tendo em vista o objetivo do trabalho, de verificar as atitudes

linguísticas dos participantes. Os métodos selecionados nos estudos sobre atitudes linguísticas têm divergências conforme os diferentes pesquisadores, devido à característica subjetiva dos dados na pesquisa qualitativa (SAVILLE-TROIKE, 1989, p. 182).

Dentre os métodos utilizados em pesquisas qualitativas, a entrevista, segundo Lüdtke e André (2008), representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, sendo uma das principais técnicas de trabalho na maioria dos tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Segundo os autores, é importante conhecer os limites e respeitar as exigências desse método, dada a relação de interação que se estabelece entre pesquisador e participante, em que há influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Nesse sentido, a entrevista oferece vantagem sobre as demais técnicas, pois permite a captação imediata e corrente da informação desejada, além de permitir correções, esclarecimentos e adaptações (LÜDTKE, ANDRÉ, 2008, p. 34).

Buscando evitar uma ordem rígida de questões, em que o entrevistador se aproxima muito da situação de aplicação de um questionário, recorreremos à entrevista semiestruturada, pois esta se desenvolve a partir de um esquema básico, tomando o instrumento de coleta de dados mais flexível (LÜDTKE, ANDRÉ, 2008).

O roteiro que utilizamos é composto por 13 questões (Quadro 1), por meio das quais os participantes foram estimulados a manifestar suas atitudes linguísticas, ou seja, suas avaliações sobre o objeto da pesquisa (/r/ retroflexo), diante de perguntas relacionadas à sua vivência como moradores de Ponta Grossa, como trabalhadores, como estudantes, como profissionais em formação. Por outro lado, como falantes da variante retroflexa, foram questionados sobre seu posicionamento frente à sua pronúncia e à pronúncia de falantes de outras variedades linguísticas:

QUADRO 1- Roteiro utilizado para realização das entrevistas

1. Você já teve a oportunidade de perceber diferentes tipos de fala entre pessoas de outro estado? Poderia dar algum exemplo, caracterizando essa fala, mostrando como essas pessoas falavam?
2. Você acredita que, estando em outro lugar, ou em contato com pessoas de outro lugar, outras pessoas possam identificar de onde você é (a sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?
3. Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar? Em caso positivo, o que você sentiu? Em caso negativo, como seria a sua reação?
4. A fala do ponta-grossense é bonita, ou mais feia do que outros sotaques? Ou esse julgamento não procede?
5. Ainda quanto a esses tipos de fala, você acha que algum sotaque detém mais prestígio do que o outro? Qual? Por quê?
6. Em sua opinião, há um falar característico de Ponta-Grossa?
7. Como você caracterizaria o falar do ponta-grossense? Há algum traço que marca esse falar?
8. O que você entende quando se diz que alguém é caipira? Há algum modo de caracterizar alguém como caipira pelo modo de falar?
9. Para você, ser chamado de caipira é pejorativo, é desagradável?
10. Você concorda com a caracterização da fala do interior do Paraná como fala caipira?
11. Como ponta-grossense você gostaria de ser qualificado como caipira? (ou você se reconhece como um caipira típico?)
12. Você consegue perceber alguma diferença quando um ponta-grossense ou catarinense ou gaúcho pronuncia palavras como *porta*, *mar*, *cartão*, por exemplo? Poderia reproduzir (ou imitar) essa pronúncia?
13. Como paranaense você sente orgulho ou vergonha devido à forma como você fala?

Em função das características flexíveis da entrevista semiestruturada, neste trabalho, optamos por discutir as respostas à questão 05, que envolve os seguintes temas:

- Participantes frente ao sotaque ponta-grossense;
- Participantes e a concepção de “caipira”;
- Participantes: ser considerado caipira é pejorativo?

3.3 Perfil dos participantes

Como já dissemos, este trabalho investiga as manifestações de julgamento de estudantes de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa diante da pronúncia da aproximante retroflexa. Portanto, circulam entre os participantes acadêmicos dos quatro anos do curso (entre 2008-2010), sendo dois do primeiro ano, dois do segundo ano, dois do terceiro ano e dois do quarto ano, totalizando oito participantes (quatro homens e quatro mulheres) para o *corpus* da pesquisa. Assim, escolhemos dois representantes de cada ano do curso (um homem e uma mulher) para observarmos se há diferença entre as atitudes dos alunos ingressantes em relação aos conduintes, tendo vista que o contato com a disciplina de Linguística se estreita ao longo da Graduação.

Portanto, para a análise dos dados, os participantes serão identificados da seguinte maneira:

QUADRO 2 – Identificação dos informantes

Série	Participante feminino	Participante masculino
1º Ano	1F	1M
2º Ano	2F	2M
3º Ano	3F	3M
4º Ano	4F	4M

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Atitudes linguísticas

Em sua origem, utilizado por pesquisadores da Psicologia Social, o conceito de *atitude* dizia respeito a determinados comportamentos humanos e suas motivações, sem interesse por questões diretamente ligadas à linguagem (AMÂNCIO, 2007). Porém, no início dos anos 1960, conforme Calvet (2009), o psicólogo social Wallace Lambert apresentou importantes

contribuições para o estudo de atitudes linguísticas com sua pesquisa sobre bilinguismo, realizada no Canadá.

A partir do momento em que passou a fazer parte do interesse de linguistas, o conceito de atitude, que passou a envolver, indispensavelmente, a esfera da língua, fundamentou-se em investigações sobre manifestações de julgamento (positivo ou negativo) que os falantes fazem sobre sua própria fala e sobre a fala de outros indivíduos. Segundo Calvet (2009, p. 69), no primeiro caso, o falante “valorizará sua prática linguística, ou tentará, ao invés, modificá-la a um modelo prestigioso”; já no segundo, “as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar”. É, pois, nesse contexto que o termo passa a ser utilizado, efetivamente, como *atitude linguística*.

As questões relacionadas às atitudes linguísticas estão inseridas, de acordo com Fishman (1972) e Fasold (1984), na dimensão da macrosociolinguística, que, por sua vez, abrange temas como multi- e bilinguismo, diglossia, atitudes linguísticas, planejamento linguístico e padronização educacional, bem como educação em língua vernácula.

Uma vez inseridos na Sociolinguística, esses estudos procuram abranger língua, cultura e sociedade (fatores extralinguísticos) para explicar os fenômenos linguísticos, pois pressupõem que em dada sociedade, ou mesmo entre sociedades, existem variedades de língua e de estilo que acabam por coexistir de forma contrastante e, muitas vezes, competitiva (GILES; RYAN; SEBASTIAN, 1982).

Segundo Fasold (1984), as principais teorias desenvolvidas dentro desses estudos relacionam-se a dois tipos de visões distintas: mentalista e behaviorista. De acordo com a visão mentalista, a atitude pode ser analisada em três subpartes: afetiva, cognitiva e conativa. Por outro lado, o viés behaviorista considera apenas o componente afetivo (avaliativo), ou seja, um aspecto unidimensional. Neste trabalho, compartilha-se da visão de Alves (1979), visão essa formulada por Oppenheim (1966), por entender-se que atitudes linguísticas não são meramente elementos indivisíveis, mas, sim resultantes de um pro-

cesso que envolve crenças⁵⁷, valores e eventuais reações emotivas diante de um dado objeto (neste caso, a variação e, especificamente, o /r/ retroflexo).

De acordo com Saville-Troike (1989, p. 181), a abrangência dos estudos de atitudes subdivide-se em três grupos:

- (1) Os que exploram atitudes em geral com relação às diferentes línguas (ex.: quais línguas ou variedades de línguas são melhores que outras etc.);
- (2) Os que exploram impressões estereotipadas com relação à língua, seus falantes e suas funções; e
- (3) os que exploram a “aplicação” das impressões (ex.: língua que se escolhe e usa, e língua que se aprende).

Outros fenômenos também podem ser influenciados por atitudes linguísticas, como, por exemplo, o processo de mudança linguística (FARACO, 2005). Apesar de podermos conceituar atitudes linguísticas de maneira relativamente simples, como comportamento, postura, reação ou propósito, Bisinoto (2007) observa os fatores complexos que desencadeiam esse fenômeno, tais como questões psicológicas, socioculturais e políticas. Elas são, portanto, carregadas de influências das estruturas sociais.

Segundo Hymes (1966 *apud* SAVILLE-TROIKE, 1989, p. 182), as diferenças linguísticas podem ser usadas para simbolizar as diferenças sociais; pode-se usar a língua para discriminar e controlar; categorizar as pessoas e/ou colocá-las ou mantê-las em seus lugares.

Portanto, “no âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessa variação” (GILES; RYAN; SEBASTIAN, 1982, p. 7). Nesse sentido, o termo também pode ser utilizado, de maneira mais abrangente, como atitudes sociolinguísticas.

⁵⁷ Ainda que o foco deste trabalho esteja voltado para a análise das atitudes linguísticas, consideramos pertinente chamar atenção para o fato de que estas têm relação estreita com as crenças linguísticas, assunto a que não vamos nos dedicar mais detidamente nesta oportunidade.

4.2 Atitudes: diversos olhares dos falantes

No estudo sobre atitudes, é comum a circulação dos termos *estereótipo*, *consciência linguística*, *saber linguístico* e *discurso sobre a língua* (BARBOSA, 2002). Segundo Saville-Troike (1989, p. 194), julgar as pessoas de acordo com suas características linguísticas é uma forma de estereotipar. O termo estereótipo, de acordo com Labov (1972), refere-se ao ato de categorizar, rotular e estigmatizar um grupo; e não precisa estar em conformidade com o uso linguístico real. Os estereótipos são formas socialmente marcadas e compartilhadas, uma opinião pública da sociedade em geral, que rotulam um objeto de maneira simplificada e não diferenciada, podendo envolver juízos de valor (LEITE, 2004).

Os termos *consciência linguística* e *saber linguístico* são semelhantes e referem-se à prática da percepção, descrição e avaliação da comunicação (SCHERFFER, 1982). Schlieben-Lange (1993), em seu trabalho *Uma proposta para o desvendamento de 'língua encoberta'*, estudou a relação entre o occitano e o francês, discutindo a existência de um bilinguismo “encoberto”. Verificou, portanto, que as línguas são alvos constantes de discursos que podem ser tanto descritivos quanto avaliativos. Por considerar que as tentativas (feitas até então) de aproximação ao objeto de estudo (atitudes) estavam interpretando “falar e saber sobre as línguas” de maneira homogênea, a referida autora fez observações a respeito das diferenças entre um e outro.

Desta forma, e para a análise dos dados obtidos durante esta pesquisa, foram utilizados os termos *saber sobre a língua* e *discurso público sobre a língua*. Schlieben-Lange (2004) nos diz que, no estudo de atitudes, há o jogo entre esses dois conceitos distintos. O primeiro deles sustenta a ideia de que

Os falantes de uma língua sabem muito sobre ela e são capazes de explicitar esse saber até um determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são surpreendentes e novos (basean-

do-se num saber sobre as possibilidades sistemáticas de sua língua e sobre aquilo que normalmente é realizado nela); podem, até um determinado grau, identificar as variantes (geográficas, sociais e estilísticas) de sua língua (SCHLIEBEN-LANGE, 2004, p. 94-95).

Segundo a autora, esse saber raramente se torna explícito, pois há, por outro lado, um discurso sobre a língua.

Assim, o discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço (por exemplo, “cada vila tem um dialeto diferente”), sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma linguística) é adequada (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Esse discurso é o que efetivamente é dito e pode ser transmitido ao longo de amplos períodos, embora seja superado pela prática e experiéncia linguística. Ou seja, os discursos sobre a língua podem não corresponder à realidade linguística; e esta, com o passar do tempo, pode influenciar e transformar o discurso. Outra observação importante destacada pela autora é que o estereótipo é entendido como principal argumento do *discurso público sobre a língua*, ou mesmo dos vários discursos que concorrem entre si (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Fiorin (2004), ao falar das ideias de língua que têm os falantes comuns, faz observações a respeito da “linguística do senso comum” e da “metalinguagem cotidiana”:

Nessa linguística, os falantes investem valores afetivos, estéticos, ideológicos, políticos: há línguas civilizadas e línguas primitivas, línguas musicais e línguas dissonantes, há pronúncias feias e bonitas, há modos de falar harmoniosos e não harmoniosos. O inglês é uma língua fácil. As línguas sem tradição literária, tal como a conhecemos, são menos desenvolvidas do que as outras. Alguns povos são mais dotados

para línguas do que outros. O francês é a língua da clareza; o italiano é uma língua musical própria para a música e o amor; o alemão é a única língua em que se pode filosofar. [...] Nessa linguística do senso comum, diz-se que o português está em decadência [...] (FIORIN, 2004, p. 109, grifos nossos).

Nesse sentido, conforme Yaguello (1988), os falantes adotam três tipos de atitudes diante da língua: explicativa, apreciativa e normativa. A primeira delas busca explicações, racionalizações e/ou tentativas de teorizações, enquanto a segunda caracteriza-se por julgamentos sobre a lógica, a clareza, a simplicidade, a dificuldade desta ou daquela língua. Já a terceira, ao considerar a língua um conjunto de fatos que devem ser julgados como certos ou errados, opõe-se a qualquer variação na língua.

A autora ressalta que é importante estudar essa linguística do senso comum e, se necessário, combatê-la,

[...] na medida em que as simplificações e as idéias falsas que ela veicula podem apresentar um perigo de natureza ideológica, podem dificultar a compreensão do outro, *podem dar argumentos a todas as formas de preconceitos e de exclusões, podem servir de base até mesmo para idéias racistas* (YAGUELLO, 1988, grifos nossos).

Portanto, no caso deste trabalho, a reflexão sobre a *linguística do senso comum* é necessária, visto que estamos lidando com futuros profissionais da língua(gem), por consequência, autorizados a falar sobre questões linguísticas. Ou seja, se idéias equivocadas são proferidas por um profissional da língua, serão tidas como verdades absolutas, incorporadas pelo senso comum, e dificilmente serão questionadas (SANTOS, 1996).

5 RESULTADOS

5.1 Atitudes linguísticas: análise dos dados

Os depoimentos que serão analisados a seguir referem-se aos dados coletados junto aos acadêmicos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, do primeiro ao último ano, na tentativa de ilustrar suas atitudes linguísticas frente à pronúncia do /r/ retroflexo, presente na variedade de língua falada na região. Para isso, serão utilizados os termos *saber sobre a língua* e *discurso público sobre a língua*, conforme utilizados por Schlieben-Lange (1993) em sua pesquisa.

As discussões sobre os resultados serão apresentadas por temas, como indicado no item 3.2 deste artigo.

5.1.1 Os participantes e o sotaque ponta-grossense

Apresentaremos a seguir a opinião dos participantes sobre o sotaque de Ponta Grossa e, em alguns casos, citaremos como eles acham que os falantes de outros lugares e regiões veem o sotaque ponta-grossense.

(1) Participante 1F: Hum... é um sotaque mais acentuado do que, por exemplo, eu tava acostumada em Minas. Por exemplo, diferença do “te” do “tchi” que é usado lá: do “leitchi”, do “leite”. Não, não acho isso, feio nem bonito. Cada um tem um pouquinho de (incompreensível)

(2) Participante 3F: Não acredito que tenha mais bonito ou mais feio. Eu acho que é uma característica da região. Num, num, não tem mesmo. Não acredito que seja feio ou bonito, ou certo ou errado.

(3) Participante 4F: Eu não acho nenhuma mais bonita e nenhuma mais feia que a outra. Em Ponta Grossa também não. É que também a gente ta adaptado a ouvir, né? Mais pra mim é normal, não acho nem mais bonita, nem mais feia [...] (sotaque visto por outros) Hum, acho que, talvez, algumas

gírias eu acho, assim. No sotaque, não. Não acho que se for comparar com o resto do Paraná, acho que é muito parecido. Aqui não tem nenhum traço que seja, assim, característico, que seja daqui.

Como visto, nos três primeiros depoimentos, os participantes evitam manifestar juízos de valor com relação à fala ponta-grossense (“Não acredito que seja feio ou bonito... ou certo ou errado”), ou seja, evitam manifestar suas opiniões quanto ao que outras pessoas pensam a respeito desse sotaque. Os trechos seguintes apresentam questões mais diretamente relacionadas aos argumentos do *discurso público*.

(4) Participante 2M: Eu não diria bonito, mas eu diria que tem, assim, uma cara mais... Eu se eu fosse dizer que é bonito eu ia dizer que bonito é o, que bonito é o, o mineiro, que é cantadinho, que bonito é o, se fosse dizer que é bonito e que é engraçado o nordestino lá do sertão, que é engraçado o caipira, mas bonito. Esse, não. Acho que esse tem um caráter mais sim, parece que formal, uma coisa que eu não sei dizer pra você. Uma coisa mais formal, uma coisa que parece que é mais... Eu acho que esse é muito, acho que é por causa da influência mesmo do meio acadêmico, porque pra mim parece que é mais formal, parece que é mais certo, digamos assim... (sotaque visto por outros) Mais pausado, uma fala mais pausada. O sotaque, acho que é uma fala mais pausada, e mais, e menos cantada e mais, menos soante com relação aos outros [...] Até é interessante você fazer isso porque a gente mesmo não se pega pensando nesse tipo de coisa. E daí no diálogo a gente vai pensando...

De acordo com o trecho (4), o participante revela que sua opinião sobre os sotaques varia entre “bonito” (mineiro), “engraçado” (nordestino, caipira), “formal” e “mais certo” (ponta-grossense). Essas características atribuídas aos diferentes sotaques revelam muito do discurso público, se pensarmos que os sotaques considerados “engraçados” são alvos preferenciais de estereótipos, preconceito e estigma. Além disso, o *discurso*

público também é sustentado por meio da crença de um falar “mais certo” dentre os outros falares. Levando em consideração a resposta (4) do participante 2M, percebemos coerência em sua linha de julgamentos sobre a língua, visto que ele acredita que o falar de Ponta Grossa tem mais prestígio do que outros.

O participante 4M, no depoimento seguinte, apresenta seus argumentos para justificar o porquê de o falar pontagrossense não ser “completamente bonito”.

(5) Participante 4M: Eu achava completamente bonito se não fosse o “r”, porque o “r” ele é muito forte, sem esse “r” aí seria uma fala mais bonita, porque a gente fal... porque nós falamos as vogais da, do jeito que elas são mesmo, por exemplo, o “e” tem som de “e” mesmo e não é “i” que nem, por exemplo, os paulistas falam no “a geintchi”. Aqui a gente fala “e” com som de “e”, mais o único problema mesmo do nosso sotaque é o “r”, um “r” muito, forte. [...] (sotaque visto por outros) É, as gírias, né. As expressões daqui. Por exemplo, “vina” em vez de “salsicha”, esses tipos de palavra, é.. e de sotaque já não consigo perceber tanto o que caracteriza, mais assim, são expressões mesmo. O único do sotaque, como eu falei antes, foi o do “r”, um “r” mais forte.

Segundo o participante, os pontagrossenses falam as vogais “do jeito que elas são mesmo”, ou seja, só não tem um falar mais bonito porque são falantes da variante retroflexa, que é “muito forte” mostrando-nos, portanto, a questão do *discurso público* sobre a aproximante retroflexa, alvo de estigma e preconceito. Vale ressaltar, neste ponto, a resposta do participante quando questionado se sente orgulho ou vergonha da maneira como fala, pois ele disse sentir “orgulho”, com /r/ tepe; além de citar mais adiante que está se “policiando” para não pronunciar um /r/ “tão forte”. No entanto, seu ponto de vista vai ao encontro do que o participante afirmou quanto a considerar que existem sotaques mais prestigiados do que outros.

Nesse sentido, no trecho (6), a participante 2F também mantém coerência entre o que afirmou sobre a existência de

prestígio e/ou estigma em diferentes sotaques. Em um primeiro momento, ela considera normal o sotaque de Ponta Grossa, apesar de dizer que o sotaque é marcado com algumas palavras por “todo mundo”. Porém, revela que as outras pessoas veem esse sotaque como “caipira, interiorano, arrastado”, por meio de exemplos que compõem o estereótipo do falar paranaense, “leite quente” e “dor de dente”, e circulam no *discurso público*.

(6) Participante 2F: Acho normal; que cada região tem a sua característica. Então eu não vou dizer que “Ah, aqui o pessoal fala carregado, é” aquelas palavras, né, que todo mundo gosta de falar, exemplos, né, do ponta-grossense. Mas eu acho que cada região tem as suas [...] (sotaque visto por outros) Ah, caipira, caipira, interiorano; então, é, assim, arrastado. Eu acho, assim, que as pessoas de fora acaba... eu tenho a impressão de que eles veem dessa maneira. Principalmente quem é paulista, né, que gosta de tirar uma casquinha “Ai, “leite quente”, “dor” (com retroflexo) de dente”. “O que que é esse “dente” né. Epra eles o “leitchi quentchi” é o certo e pra gente fica pesado, né, “leiti quentchi”. Nossa, como é difícil falar...

O participante 3M apresenta, em seu depoimento sobre a fala de Ponta Grossa, de que maneira seu sotaque foi visto em dois estados diferentes:

(7) Participante 3M: Bom, isso é interessante. Porque eu, particularmente, quando eu estive em Salvador, a maioria dos baianos lá, eles falavam muito bem do meu sotaque. Coisa que às vezes nós encontramos na, na televisão mesmo, ou aquela atriz mesmo, a Grazi Massafera. Ela mesma falava que dentro do Projac, lá da Globo. Ela citava que imitavam ela dizendo “porta” (com retroflexo), “torta” (com retroflexo), né. Imitavam, né. Associando com o falar caipira, né. Porém, lá... quando eu tive essa oportunidade, esse meu falar paranaense, essa fala ponta-grossense foi de bom grado. Todos, não só em Salvador, mas em Rio Grande, Passo Fundo, né, que é a cidade que eu mais tenho contato. Eles acham bonito o uso. Eles sempre associam à norma culta. Isso que

eu percebo. Eles reparam. Pelo menos na oportunidade que eu tive disso. É de observar que eles... parece que o sotaque deles, por ser muito diferente, do, do, do nosso, do, do paranaense, eles acabam associando com a própria norma culta. Pelo uso do “você”, né. Nós usamos o “você”, porém, claro, que tem algumas cidades aqui no Paraná que usa o “tu”. Mas aqui em Ponta Grossa, que foi o que você me perguntou, é o mais forte é o “você”. Aí você entra em uma região falando “você” com o teu sotaque, eles ach... eu acredito, né, que essa associação fazem com que eles aproximem-se mais achando que é a norma culta. O que não é a minha opinião, não é? Esse eu falo do que eu recebo, na visão deles. [...] (sotaque visto por outros) Olha, eu, nessa questão eu parei pra observar. Bom, a nível sotaque, eu acho que talvez não marca tanto, no sentido em que ele também é parecido, ele é um sotaque muito próximo do, da, da, entre aspas, da “normalidade”, né? Então eu não consigo, eu acho que mesmo que falam que o Paraná e Ponta Grossa usa, sei lá, “porta, torta” (com retroflexo), é complicado você identificar. E na mídia, mesmo, ele se aproxima do nosso. É o sotaque que mais ele tem influência, a meu ver. Então eu acho que não dá muito...

A referência ao /r/ retroflexo é rápida e mostra a associação do termo “caipira” ao uso da variante feita, por exemplo, “na televisão”. Ou seja, apesar de ocorrer esse tipo de associação, sua experiência foi diferente, pois seu sotaque “foi de bom grado”. Mas o que se pode perceber em sua fala é que ele usa a “visão deles”, dos outros falantes frente ao seu sotaque (que “acabam associando com a própria norma culta”), para justificar o que ele mesmo pensa: “é um sotaque muito próximo da ‘normalidade’”, “o sotaque da mídia (que supostamente é o certo para ele) se aproxima muito do nosso”. Portanto, novamente encontramos elementos do *discurso público*, como a aproximante retroflexa diretamente ligada à fala caipira e a crença de que a “normalidade” linguística está associada à norma culta, ou seja, há apenas um modo correto de se falar.

Dentre as respostas dadas nesse item, a fala mais incisiva sobre o poder da língua por meio do sotaque aparece no

depoimento seguinte. O participante IM começa dizendo que acha o sotaque de Ponta Grossa “bonito”, depois “estranho”. Logo emenda os adjetivos “firme, forte”, para completar com “imponente”. A partir daí, faz afirmações, até certo ponto discriminatórias, sobre a sexualidade do falante em função da variedade linguística que este utiliza (“Se você falar “dentchi” aqui em Ponta Grossa, soa como se você fosse um homossex... homossexual”), usando termos como “xenófobo”, além de repetir crenças do tipo “falamos o certo”, pois “falamos o que está escrito”. Sem dúvida, estão presentes argumentos do *discurso público*, pelo alto teor de juízos de valor com relação às variedades linguísticas. Além disso, sobre a questão de coerência nas falas do participante, vê-se que esse seu posicionamento sobre o sotaque ponta-grossense desmente o que foi dito anteriormente sobre não acreditar na existência de sotaques que tenham mais prestígio ou que sejam mais estigmatizados do que outros.

(8) Participante IM: Eu acho, eu acho bonito. Eu acho bonito, não acho feio. Eu acho um pouco estranho, estranho não significa ser feio, né?! Eu acho o sotaque ponta-grossense um sotaque firme, forte, sabe?! É uma coisa assim que, igual o gaúcho. O sotaque gaúcho você vê... aquela coisa que parece que impõe um certo respeito. Um sotaque forte, imponente! Exatamente. Sim acho que ela é bem imponente, assim. E as pessoas até não conseguem, eu reparo que as pessoas de São Paulo que vêm pra cá não conseguem pegar esse sotaque nosso. Não conseguem. E é muito fácil nós pegarmos o sotaque deles. [...] E há pessoas aqui, tipo, eu já ouvi boatos, já ouvi boatos, não, eu já ouvi pessoas falarem “nós falamos o certo” sabe! “O que ta escr... o que está escrito”. Até eu pensava dessa maneira. Depois que eu comecei a estudar linguística e vi que não era assim né. Que as letras, em cada sotaque tem o seu som. Mas os pais impõem essa certa tradição voga, é, oral. Se você falar “dentchi” aqui em Ponta Grossa, soa como se você fosse um homossex... homossexual. É verdade, pode acreditar, isso é verdade! Se você, dentro da sociedade ponta-grossense, eu com os meus

amigos, são muito preconceituoso a questão do sotaque. É muito, como se diz, é, as pessoas, eles não aceitam as que vem de fora, esqueci o nome disso... [...] É Xenófobo. Achar que tão roubando nossos empregos, as nossas terras, essas coisas todas. Há uma pressão muito forte nisso. Então se você falar “botchi”, “quentchi” é uma coisa mais afeminado. Nós achamos isso. Nós achamos isso. [...] (sotaque visto por outros) Deixa eu pensar, hum [...] é... “Por quê que você está reagindo desta maneira”. Não é aquela coisa “Por quê que tu estás reagindo dessa maneira”. Essas coisas eles falam mais, bem forte. Eles têm também aquele “r”, “a” (com retroflexo) “Você já viu o “mar” (com retroflexo)” né?! Nós falamos isso. A gente não fica falando “mar” (com velar).

Nos itens vistos até aqui, apresentamos, de maneira geral, alguns posicionamentos dos participantes da pesquisa frente a questões de linguagem e variação linguística. Nos próximos subtópicos, apresentaremos os depoimentos dos acadêmicos diante de um tema mais específico no que tange ao objeto da pesquisa, como questões que envolvem suas opiniões quanto à característica “caipira”, bem como seu vínculo com o /r/ retroflexo.

5.1.2 Participantes diante do termo “caipira”

Ao serem questionados sobre o que entendem por “caipira”, os acadêmicos revelaram em suas respostas o quanto o termo é estigmatizado, estereotipado e visto de maneira pejorativa. Para alguns participantes, conforme os depoimentos (9), (10) e (11), caipira é alguém afastado do meio urbano, “que vive no sítio”, “no meio rural” ou que simplesmente não é “da Capital” (Curitiba); além disso, o caipira se define como “simples”, “humilde”, “analfabeto”, “sem sentimento”, “rude” e “grotesco”. A marca do caipira na linguagem, segundo esses participantes, é o /r/ “dobrado” e o rotacismo na palavra “problema” (“pobrema”).

(9) Participante 1F: Caipira? Hum, não. A pessoa caipira, eu acho difícil. Às vezes as pessoas classificam o caipira como aquele senhor, por exemplo, que vive no sítio, afastado. Aquilo seria pra eles um caipira. [...] Ah, se fosse pensar o pontagrossense então poderia dizer que ele é caipira. [...] Eles acentuam o “r” do, o pontagrossense fala também o “porta” (com retroflexo). Não sei...

(10) Participante 1M: O que dizer do caipira. Aquela pessoa que vive no meio rural? Você acha que é isso? Aquela pessoa que vive no meio rural? Por que o caipira é aquele que vive no meio rural, na minha maneira de ver, né. Há pessoas que vê o caipira como sotaque, sotaque caipira. Que é aquele “ar” (com retroflexo) nosso né. Talvez eu esteja falando caipira e eu não sei que eu estou falando caipira prum curitibano, para um curitibano, alguém que é da Capital, né?

(11) Participante 2M: Uma pessoa rural, um agricultor, um lavrador, simples, humilde. Analfabeto, sem sentimento, rude, grotesco... [...] Ah, falar “portera” (com retroflexo nas duas realizações da variante). “O “mininu” da “portera” (com retroflexo nas duas realizações da variante)”. Fala o “r” reflexo, é, um /r/ puxado, dobrado. “Portera” (com retroflexo), “pobrema” (com tepe). Se falasse “pobrema” (com tepe) pode parecer errado, mas eu já identificava “pobrema” (com tepe) com caipira... não identificava “pobrema” (com tepe) cum, por exemplo, cum, cum linguagem da favela. Mas também já identificava com caipira

Os trechos seguintes seguem praticamente a mesma linha de respostas sobre o tema, porém, não dão tanta ênfase ao meio em que o caipira vive, ressaltando que este é caracterizado “mais pela fala mesmo”, “principalmente pelo “r”, que pode ser tanto o retroflexo (“porta”), quanto o tepe (“repolho”). Além da distinção linguística, o caipira se diferencia de outros grupos por não ter “cultura”, porque “sabe muito mais” sobre “o que lida”, a “roça”.

(12) Participante 2F: Ai (risos) eu acho que é principalmente pelo “r”, pelo som do “r”. É, na verdade, eu acho que eu

tenho na minha cabeça mesmo, até é uma questão, assim, da língua de prestígio e da língua e de não-prestígio. Porque eu acho, assim, que é o “r” do Rio de Janeiro. Ele, ele é como se fosse chique; e como a gente não tem esse “r”, é um “r” mais arrastado, aí parece que fica mais caipira. Por exemplo, “faltar” (com velar), “deslizar” (com velar) é difícil esse “r”. A gente fala “saltar” (com retroflexo), “deslizar” (com retroflexo), então, é, fica mais acaipirado.

(13) Participante 4M: É mais pela fala mesmo. Assim, não é... quando eu falei caipira, como é que eu posso dizer, deixa eu tentar arrumar o que eu disse. Ah, principalmente pela fala, né. Eles falam tudo cortado, falam o “r” forte, falam “l” em vez de “r”. Não, “r” em vez de “l”.

(14) Participante 4F: A questão da linguagem... [...] É o que a gen.. que eu ouvi muito, né. Quando saí de Prudentópolis era: o puxar o “r”, né? Tipo “porta” (com retroflexo), essas coisas, né? Sei lá, “marcar” (com retroflexo nas duas ocorrências) assim de colocar bem o “r” retroflexo, assim, tipo “carro – caro” (com velar e tepe, respectivamente), coisas assim, né, “repolho” (com tepe), assim. Acho que se fosse caracterizar pela linguagem seria isso. [...] Só pela linguagem? Não. [...] Ah, acho que é questão de cultura, conhecer alguma coisa mais do mundo, sei lá, de forma de se vestir, talvez. Mas acho que principalmente por conhecimento de mundo. O que você sabe, uma pessoa caipira sabe muito mais sobre... ah, sei lá, sobre o que lida, né, roça, enfim, esse tipo de coisa do que cultura em si, né?

Dentre as respostas analisadas, a do participante 3M demonstra, abaixo, certo conflito ao se posicionar, devido às aulas de Linguística. Segundo o participante, o caipira representa um grupo separado da sociedade, e que apresenta diferenças com relação a “estilo”, “sotaque”. Percebemos que esse participante é mais cauteloso ao dar sua opinião, tentando justificar-se, na maioria das vezes, citando terceiros (“separaram”, “colocaram”, “colocam uma pessoa pobre, uma pessoa sem instrução”).

(15) Participante 3M: Bom, tirando as aulas de Linguística (risos), né. Mas na minha mente é... Bom, em primeiro, eles, o que vem primeiramente, assim, os meus pensamentos quando fala "caipira" é que separam e colocaram, separaram de grupo e colocaram em outro, tá? Agora, o porquê disso, a meu ver, por mais que fosse separado, colocado num grupo, o grupo né, num falar caipira, um grupo num falar que não é caipira, eu não vejo diferença num sentido negativo, né? Eu vejo uma diferença num sentido de estilo, né? E o do uso do sotaque, como cada cidade cada estado tem seu sotaque. Eu não vejo essa separação como algo assim "ah, é caipira não use, não fale", né? Porque é um sotaque como outro qualquer, como o sotaque carioca, como o, o, o baiano, o paulista, o ponta-grossense, o catarinense. É um sotaque que, claro, que está presente em várias regiões também, como eu falei, essa mistura de sotaques, né? Hoje você encontra vários sotaques. Aqui em Ponta Grossa você observa se você sair aqui no corredor da universidade, você vai ouvindo as pessoas falar, você vai identificando, né? Então eu não vejo como negativo, porém, você sabe que essa palavra é tida até hoje como um sentido pejorativo. A mídia faz muito, faz programas de, de comédia usando esse sotaque, né? Mostrando que ele é um sotaque de gozação. Bom, de estigmatismo, né? Separam de um grupo pra dizer... geralmente eles colocam uma pessoa pobre, uma pessoa sem instrução. Pra usar desse sotaque. Mas nós sabemos que não, né?

Os depoimentos dos participantes apresentam visões que reproduzem o senso comum segundo o qual o rural é inferior ao urbano, considerando o que foge aos grandes centros como caipira, generalizando características e hábitos socioculturais estereotipados e preconceituosos, atingindo um nível de estigmatização que acaba por distanciar de suas origens qualquer aproximação com o termo, como veremos no próximo item.

5.13 Participantes: ser considerado caipira é pejorativo?

Como a questão da linguagem foi bastante recorrente nas respostas para caracterizar alguém como caipira, questionamos os participantes se eles poderiam ser considerados como caipira, visto que são falantes da variante retroflexa, e se isso seria pejorativo. As respostas variaram, e os depoimentos (16) e (17) apresentam respostas objetivas, tanto negativas (“não, não acho que seja desagradável”) quanto positivas (“no fundo, no fundo, sim”).

(16) Participante 3F: Não, não acho que seja desagradável. Eu acho que é, ah, sei lá. É uma marca, mas não vejo que seja desagradável.

(17) Participante 2M: Sim, no fundo, no fundo, sim. No fundo, no fundo, sim. Mas ia aceitar numa boa.

Já os trechos (18) e (19) nos mostram respostas em que os participantes buscam justificar o porquê de acharem ou não pejorativo a hipótese de serem considerados como caipira.

(18) Participante 3M: Bom, lembra quando eu falei pra você que dificilmente eu me importo, eu valorizo a opinião, não dói tanto. Então, bem, o primeiro critério é esse, né? A minha visão é mais fechada pra opinião de terceiros, num sentido que me machuque. Segunda, pra mim nos sotaques todos, eu não vejo um sotaque me.. é, negativo, um sotaque melhor, um mais bonito. Pra mim todos, todos eles são iguais, né, não tem um de diferente. Então se me classificassem eu não viria como algo assim “ah, caipira”, “não falo bem”. Não, eu falo como todos os sotaques, né, que existem. Todos são perfeitos.

(19) Participante 1M: Antes de eu estudar linguística seria. Agora, com essa visão linguística que eu tenho não. A visão linguística que eu tenho já tira esse preconceito. [...] Não sei. Mas, é, normalmente, o sotaque caipira que eu acho, eu acho, na minha visão, ponta-grossense é aquele sotaque mais

goiano. Aquele sotaque lá de Goiás. [...] Daí eu considero. E eles falam que são caipira. Eles que dizem ser caipira. É um exemplo que eu posso dar. É puxa vida, eu não sei imitar direito. Mas de rodeio. [...] É “possiver” (com retroflexo), é, sei lá. Colocar “r” em vez de “l” sabe?! “paster” (com retroflexo) sabe?! É, em vez do “l” colocar um “r” no final. “Nóis tamo aqui, nós semo” [...] É uma das características pra ser o caipira lá do goiano, do Mato-Grosso. Mas aqui no Paraná não vejo isso... dificilmente.

É interessante notar a fala do participante IM, segundo a qual ele não considera pejorativo ser visto como caipira porque sua “visão linguística já tira esse preconceito”. No entanto, ele justifica sua resposta dizendo que não considera o sotaque ponta-grossense como caipira (apesar de ter ressaltado em vários momentos a característica da variante retroflexa na fala da região), mas sim o sotaque goiano “lá de Goiás”, atribuindo características bastante estigmatizadas ao falar goiano “de rodeio”, como argumento para se livrar de uma possível comparação.

Por fim, a participante 2F justifica em sua fala por que considera um equívoco a atribuição do adjetivo “caipira” à sua fala, portanto, pejorativo. Dentre os argumentos, diz que, apesar de usar o /r/ retroflexo e ser “do interior”, não está falando “errado”.

(20) Participante 2F: Ah, eu ia querer, assim, é, ter alguma explicação sobre o porquê disso. Porque, embora eu esteja falando que eu penso assim, eu sei que é uma coisa que eu fui criando ao longo do tempo e que, no fundo no fundo, não é verdade (entendi que aqui ela está se referindo a visão que ela tem sobre caracterizar um caipira pelo uso do /r/). Então, se eu fosse taxada, assim, de caipira, eu até poderia dizer assim: “mas em que sentido eu sou caipira? Se eu to falando razoavelmente dentro de uma língua, procurando” porque eu realmente não tenho esse costume, eu acho que isso, quando você aprende a falar numa maneira mais aceitável num ambiente acadêmico, num ambiente de trabalho, você fala a língua valorizada, normativa né. Então eu não

veja, assim, que nessa entrevista, por exemplo, o que que vai ter? Vai ter um sotaque, mas não que eu esteja falando errado. Então não é caipira. Pode ser chamado de caipira, mas não é. Eu acho que é mais pelo som, do que pela, pela [...] Porque aí, como eu sou do interior, né, eu não tenho assim, não moro numa grande cidade. Tem alguns shoppings, algumas coisas. Não é como aquele pessoal que mora nos grandes centros, que são tantas possibilidades, né. Então dá impressão assim, que a gente é caipira por ser limitado, por não ter muita expansão mesmo de conhecimento, de cultura, de... acho que é isso. Essas perguntas que você ta me fazendo tão me deixando, assim, questionando, porque eu não parei até agora... porque eu não tinha parado bem pra pensar qual que era o meu posicionamento, né (risos)

Como podemos perceber, é bastante recorrente a questão do *discurso público* na fala dos sujeitos participantes, sob diversas crenças e estereótipos linguísticos no âmbito das questões que envolvem as variedades linguísticas prestigiadas em oposição às variedades estigmatizadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos no início deste trabalho, buscamos verificar as atitudes linguísticas de alguns acadêmicos do curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (alunos dos quatro anos do curso) em relação ao chamado /r/ *caipira*, bem como, indiretamente, à sua própria noção de caipira e de língua. Buscamos, então, averiguar se essas atitudes seriam negativas ou expressariam algum tipo de preconceito, principalmente pelo fato de estarmos lidando com a opinião de professores em formação.

Por consequência, de acordo com os objetivos propostos inicialmente, verificamos em suas atitudes (e algumas crenças) linguísticas a estigmatização que recobre a pronúncia da aproximante retroflexa e que também se estende à visão que esses estudantes têm da cultura e da variedade linguística caipi-

ra, que, por sua vez, é vista como inferior em relação à cultura e à variedade de línguas tidas como urbanas.

Por meio das atitudes e crenças, verificamos na fala dos participantes muito do que circula na visão do senso comum, mediante a reprodução do *discurso público sobre a língua*, tal qual definido por Schlieben-Lange (1993), marcado por questões avaliativas e sustentado por estereótipos linguísticos, principalmente em relação à figura do caipira. Os participantes revelaram, também, em suas falas, um *saber sobre a língua* ao expressarem uma consciência linguística, ou seja, noções de variação da língua, como, por exemplo, diferenças geográficas, sociais e estilísticas, ratificando o jogo entre *saber sobre a língua* e *discurso público sobre a língua* em se tratando da análise de atitudes linguísticas (SCHLIEBEN-LANGE, 1993).

Além disso, como dissemos no início deste trabalho, pudemos perceber de que maneira o fundamento dos estudos linguísticos e sociolinguísticos têm sido assimilados pelos acadêmicos. Com base nos resultados obtidos, percebemos de que forma alguns estudantes compreendem as abordagens das disciplinas de Língua e/ou Linguística ao longo do curso, principalmente no que concerne à variação da língua; alguns acreditam que o assunto foi discutido de maneira suficiente; outros, não. À parte suas opiniões, satisfatórias ou não, o que vimos é a dificuldade desses acadêmicos em lidar com os princípios da (Socio)linguística, uma vez que a mudança que se percebe dos alunos iniciantes em relação aos conduintes é no sentido de como eles manifestam suas crenças. Enquanto os iniciantes reproduzem em suas falas praticamente o discurso do senso comum, dos “leigos” em Linguística, pois utilizam os termos “certo x errado” quando se referem a algumas questões que envolvem a variação inerente à língua(gem), os alunos conduintes continuam afirmando que tal forma de falar é “certa”, em oposição à outra, que é “errada”, mas logo acrescentam que “não podem dizer isso”.

Mas considerar que estudantes de Linguística *não podem* dizer algumas coisas sobre a língua nos permite entender o quê? Que se trata de uma imposição (do curso? do professor?

da disciplina?) e não uma compreensão (do acadêmico), que seria o esperado? Isso nos leva a questionar qual a compreensão, quais as ideias (crenças) que o curso (a disciplina, o professor) transmite (ratifica/reforça) ao longo do currículo acadêmico sobre as questões pertinentes à variação da língua. Talvez a saída para tal dilema seja promover discussões/reflexões a respeito do posicionamento de futuros professores da língua materna acerca de sua heterogeneidade, bem como sobre a importância dessa posição no exercício da educação e seu reflexo na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AMÂNCIO, R. G. *As “cidades-trigêmeas”*: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1920/1982.
- BARBOSA, A. de O. *Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística*. 2002. 82 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolinguísticas*: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon Inc., 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEE, 1998.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. [Trad. Marcos Marconilo]. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- CASTRO, V. S. A. *A resistência de traços do dialeto caipira*: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. 2006. 285 f. Tese

- (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FASOLD, J. A. *The Sociolinguistics of society*. Oxford: Basil Blackwell, 1984.
- FIORIN, J. L. Vox populi, Vox Dei? In: SILVA, F. L. da.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola, 2004, p. 107-110.
- FISHMAN, J. A. *The Sociology of Language: an interdisciplinary social approach to language in society*. Newbury house publishers: Rowley, Massachusetts, 1972.
- GILES, H.; RYAN, E.; SEBASTIAN, R. *Attitudes towards language variation. Social and applied contexts*. London: Edward Arnold, 1982.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.) *ALERS – Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: Ed. UFRGS; Ed. UFSC; Ed. UFPR. v. 1. Introdução; v. 2. Cartas fonéticas e morfossintáticas. 2002.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.
- LEITE, C. M. B. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. 138 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2008.
- OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire Design and Attitude Measurement*. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1966.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná: Língua Portuguesa*. Curitiba, 2008.
- SANTOS, E. dos. *Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: an introduction*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- SCHERFFER, P. A propos de une théorie et de l'étude empirique de la conscience linguistique. In: DITTMAR, N.; SCHLIEBEN-LANGE, B. *Die Soziolinguistik in romanischsprachigen Ländern. La*

sociolinguistique dans les pays de langue romaine. Tübingen: Narr, 1982.

SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do Falar e História da Linguística* [Trad. Fernando Tarallo et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

YAGUELLO, M. *Catalogue des idées reçues sur la langue*. Paris: Editions du Seuil, 1988.